

cashez. Por que tão brusca mudança? A cafeicultura, antes de 1965, já declinava em razão dos preços baixos no exterior e de um confisco considerado alto. Fenômenos climáticos também influam e as velhas lavouras

auge da erradicação, uma tremenda geada no Norte paranaense provocou uma queda quase vertical da produção cafeeira. E coincidentemente o mercado mundial começou a reagir. Passou a haver mais procura do que

produção. No caso brasileiro chegávamos a 28 milhões de nossas necessidades para uma produção de 10 milhões. Em 1972, a nova geada reduzia a safra estimada de 18 milhões para 10 milhões. E começou a aparecer a fer-

vidade. Os cafeicultores voltaram aos velhos tempos dos cafezais cheios. Com os preços atuais que recebem, estão pagando menos sacas de café do que pagavam anos atrás, por fertilizantes e tratores.

## O DESAFIO DO FUTURO

Por Ives Gandra da Silva Martins — Professor de Direito Financeiro da Faculdade de Direito de São Carlos

Acabei de ler estudo escrito por John Kenneth Galbraith sob o título de "As Causas da Pobreza: Uma Classificação" e inserto no livro "Economia, Paz e Humor", onde se aprende alguma coisa sobre economia, muito menos sobre paz e muito sobre humor.

O discutido e brilhante economista americano, que se tornou famoso pela contestação de quase todas as teorias econômicas predominantes, pelo diagnóstico da sociedade de consumo, que caracteriza o mundo ocidental e que tem a sua própria teoria econômica inatingida por críticas pragmáticas, pelo simples fato de nunca ter sido seguida por nenhum governo, procurou, no referido trabalho, definir as razões fundamentais que dividem as nações pobres das ricas, através de classificação dos tipos particulares de pobreza de cada uma.

Para tanto, dividiu as nações subdesenvolvidas em três categorias, a saber: 1. As africanas subsaarianas; 2. As latino-americanas; 3. As asiáticas e africanas saarianas.

Nas primeiras coloca a inexistência de qualquer estrutura ou tradição cultural como o principal óbice ao desenvolvimento, nas segundas o não aproveitamento da estrutura cultural existente por força de contextos políticos instáveis, que obstam o desenvolvimento, e, nas terceiras, problemas relacionados com uma explosão demográfica, que impossibilita o aproveitamento da tradição cultural e dos meios existentes, não obstante maior estabilidade política.

Coloca o ex-embaixador dos EUA, na Índia, o Bra-

sil como País inserido na problemática latino-americana e a Índia, como um país modelo da terceira série classificatória, que considera, sem o dizer, com condições desenvolvimentistas maiores que as duas anteriores.

O trabalho deve ter sido escrito há algum tempo, porque a realidade atual difere daquela pintada pelo pretendido autor, o que, entretanto, não nos impossibilita de fazer algumas considerações sobre a matéria.

A primeira delas é de que, nos dias atuais, a divisão entre nações pobres e ricas perdeu muito sua razão de ser, face à interdependência crescente entre as economias mundiais e a crescente necessidade humana de solução emergente das suas duas insuficiências estruturais, a saber a energética e a alimentar.

A recente crise não solucionada e de reflexos indimensionados, no setor petrolífero, demonstrou claramente que nações economicamente poderosas podem entrar rapidamente em colapso com a simples supressão de fornecimento de um único produto, que não possuem e a que ficam com o acesso impedido como é o caso da Inglaterra e Holanda.

Por outro lado, sente-se claramente uma tendência pragmática de volta a antigos conceitos fisiocráticos de que da terra sai toda a riqueza, de tal maneira que as nações pobres que, coincidentemente, possuem maiores extensões de terras a serem exploradas são aquelas que, em breve, como os árabes em relação ao petróleo, possuirão poder de pressão

sobre as nações consideradas ricas e onde a técnica e a industrialização mesmo do setor agropecuário, não são capazes de aumentar a extensão territorial existente.

Percebe-se ainda que a técnica com grande rapidez é absorvida pelos países de menores recursos financeiros e que as empresas multinacionais são de força limitada, quando situações políticas e interesses prioritários forçam-nas à incômoda posição de espectadoras, como se viu quanto às empresas petrolíferas no mundo árabe.

É evidente que a estabilidade política, ou melhor, governamental, pode muito mais facilmente subordinar o controle dos interesses multinacionais aos interesses nacionais do que em relação aos países onde os governos ainda não se situaram e onde não existem metas, nem tranquilidade para a automanutenção.

O certo todavia, é que nesta luta é choque do passado a formulação clássica das divergências entre nações pobres e ricas, nova formulação sendo exigida no reequacionamento de forças e de desafios, onde a capacidade de produzir alimentos e energia suplantara a de produzir artigos de consumo cada vez mais ao alcance de todos, na medida em que o mundo todo se industrializa.

Parece-nos, pois, que as nações hoje chamadas pobres que se prepararem, com rapidez, para o novo tipo de conflito terão condições de mudança, ainda dentro do século, de posição, pela imprescindibilidade dos seus artigos relacionados com a relativa prescindibilidade dos artigos de consumo.

No caso específico, o diagnóstico impreciso e falho de Galbraith sobre o Brasil, que não possui nenhuma das características por ele enunciadas, porque:

a) — Possui instituições mais sólidas que de todos os seus vizinhos latino-americanos;

b) — Possui uma classe de técnicos de nível reconhecido a serviço do desenvolvimento;

c) — Não possui os problemas de natureza sindical que entravam o desenvolvimento inglês, italiano e argentino;

Só se realizará se o Brasil após ter balizado as metas de seu desenvolvimento, não cuidar do setor agropecuário com a mesma seriedade com que, não obstante as falhas naturais na criação de um próprio modelo de desenvolvimento, dedicou à indústria, comunicações e exportação.

Vale para tanto lembrar que a Argentina, cujos problemas de toda a natureza, são superiores aos do Brasil, no setor agropecuário, todavia, preparou-se mais adequadamente para o choque futuro do que nós.

É bem verdade que temos, a curto prazo, mediante uma política de revalorização de nossas terras de incentivos adequados, de adoção de técnicas mais produtivas e preparação dos recursos humanos para o desafio, possibilidades de recuperarmos o terreno ganho pelo vizinho país. Isto se estivermos convencidos que no futuro será mais importante ter o que comer do que morrer de fome numa esplêndida mansão com todo o conforto que a sociedade do século XX pode conseguir.

0026